



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE LETRAS E ARTES**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**MEMORIAL**

**DE**

**MARIA MAURA CEZARIO**

**PROMOÇÃO PARA TITULAR**

Aos meus pais, Djalma e Zely!

*Todo conhecimento começa com o sonho. O sonho nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina, brota das profundezas do corpo, como a alegria brota das profundezas da terra. Como mestre só posso então lhe dizer uma coisa. Contem-me os seus sonhos para que sonhemos juntos.*

Rubem Alves

## MEMORIAL DE MARIA MAURA CEZARIO

## SUMÁRIO

<b>Introdução<sup>1</sup></b> .....	<b>4</b>
<b>1. Os primeiros voos</b> .....	<b>4</b>
<b>2. A graduação na Faculdade de Letras da UFRJ</b> .....	<b>8</b>
<b>3. Estágio de Iniciação Científica em Linguística</b> .....	<b>9</b>
<b>4. Os cursos de pós-graduação <i>strictu sensu</i> e as experiências em sala de aula . .</b>	<b>11</b>
<b>5. Cursos e palestras de extensão universitária</b> .....	<b>16</b>
<b>6. O Grupo Discurso e Gramática: projetos e orientações</b> .....	<b>17</b>
<b>7. O Pós-doutorado e cursos de qualificação</b> .....	<b>25</b>
<b>8. Publicações e apresentações de trabalho</b> .....	<b>27</b>
<b>9. Prêmios</b> .....	<b>39</b>
<b>10. Organização de eventos</b> .....	<b>42</b>
<b>11. Bancas e pareceres</b> .....	<b>44</b>
<b>12. Atividades administrativas</b> .....	<b>45</b>
<b>13. E daqui para frente? Considerações finais</b> .....	<b>46</b>

---

<sup>1</sup> Cf. comprovantes na pasta (física) de documentos comprobatórios do relatório.

## MEMORIAL DE MARIA MAURA CEZARIO (UFRJ)

### Introdução

Neste memorial, pretendo apresentar minha história acadêmica como professora e pesquisadora da área de Linguística, demonstrando meu perfil para o cargo de Professora Titular da Faculdade de Letras da UFRJ, o que muito me honra. Gostaria de começar apresentando um panorama da minha infância e juventude, pontuando fatos que me levaram a escolher ser professora e mais tarde pesquisadora na área de Linguística. Após esse panorama, serão relatadas as atividades de qualificação, ensino, pesquisa, extensão e administração que fizeram parte da minha trajetória.

### 1. Os primeiros voos

Penso que o que me fez escolher ser professora foi a vontade de voar, de soltar uma águia que sempre viveu e vive dentro de mim e me dá uma enorme motivação para estudar, trabalhar e contribuir para a Educação e para a Ciência do Brasil. Essa águia é uma mistura de revolta contra as injustiças sociais, de energia, de curiosidade e de vontade de aprender e de ensinar.

Nasci em Niterói, RJ, e fui criada em São Gonçalo, num bairro chamado Arsenal, área rural do município. Comecei a ler aos 5 anos, por insistência minha: contam meus pais que eu sempre lhes pedia para ir para uma escolinha ao lado da minha casa. A escolinha na verdade era o quintal da casa de uma moça chamada Gelza, que dava aulas de reforço para crianças e adolescentes. As casas não tinham muro no Arsenal naquela época e lembro que dava para eu

ver os alunos reunidos em torno de uma enorme mesa, embaixo de um pé de jamelão, e que eu ficava com muita vontade de ir para lá. Assim, quando eu estava com 5 anos, meus pais me deixaram frequentar a escolinha. Acho que esse foi o meu primeiro voo na vida, eu saí da minha casa, fui para o quintal ao lado aprender a ler e escrever.

Tia Gelza não apenas me ensinou a ler e escrever, mas ensinou muita coisa de Matemática também. Assim, quando entrei na Escola Estadual Dalila de Oliveira Costa, aos 7 anos, tinha nível para ir para a terceira série, segundo a professora que fez um teste comigo. Mas não me permitiram pular dois anos escolares e, para eu não ficar na turma dos que nem sabiam segurar no lápis, me puseram na turma dos repetentes. Era uma época em que era muito comum crianças das áreas mais pobres ficarem 3 ou 4 anos para passarem para a segunda série, porque não conseguiam aprender a ler. Nesta época eu já adorava ler, mas, como não tinha muitos livros em casa, pegava os livros didáticos de Língua Portuguesa e devorava os textos que iniciavam os capítulos.

Sou filha de Dona Zely, que tem apenas dois anos de escolaridade, mas lê que é uma beleza. Até hoje ela compra jornal praticamente todos os dias e lê até os classificados. Meu pai, Sr. Djalma, estudou um pouco mais, foi até a Admissão. Também lia jornal todos os dias e adorava ler os livros didáticos de Geografia. Era um autodidata nesta matéria. Era também um contador de história e uma pessoa muito curiosa, se interessava por tudo e adorava viajar. Acho que meu interesse pela literatura nasceu dos momentos em que ficava ouvindo seus inúmeros causos. Eu nunca sabia se o que ele contava realmente tinha acontecido ou não, ele só ria no final quando perguntávamos: “Papai, isso realmente aconteceu?”. Assim, apesar de estar numa família com poucos anos de escolaridade, a ficção dos contos orais e o jornal sempre estiveram presentes no nosso dia-a-dia.

Sempre fui muito dedicada aos estudos, muito preocupada em tirar notas altas, sempre quis participar de todas as atividades da escola, gostava de tudo, menos Educação Física e Educação para o Lar (ninguém acreditaria se eu dissesse que eu tive Educação par o Lar!). Todo bimestre eu era aluna destaque, dava aula de Português e Matemática para meus colegas e, no segundo grau, ajudava também com a Física. No Arsenal, a vida de infância foi muito boa, pois brincávamos muito no quintal e na rua; as casas, como disse, nem muro tinham, passávamos correndo nos quintais, brincando de pique, andávamos de bicicleta todo fim de semana e íamos a praia toda semana nas férias. Eu também brincava muito de escolinha com meus alunos imaginários. Mas veio a adolescência! A adolescência no Arsenal era algo tedioso! Nada havia para fazer a não ser ficar em casa vendo TV, mas eu não gostava muito de ficar parada em frente a uma TV. Então me divertia estudando, refazendo exercícios, lendo várias vezes os poucos livros que havia em casa. Fiz como a Tia Gelza, coloquei uma mesa no quintal e aos 12 anos já estava cheia de aluninhos das primeiras séries e que tinham muita dificuldade na escola. Algumas mães me pagavam, outras achavam que eu era muito criança ainda e viam aquilo como uma brincadeira, embora eu ensinasse com toda seriedade possível.

Lembro dessa Escola Estadual onde estudei até a oitava série (hoje nono ano) em parte com alegria, em parte com um certo mal estar. A alegria maior era a Feira de Ciências anual. A Professora de Ciência, Dona Elizeth, nos exigia (sim, ela era muito exigente) uma experiência bem criativa e um relato de como tudo tinha sido feito. Essas tarefas davam um trabalho enorme, recebíamos nota pela experiência e nota pela apresentação oral. E depois treinávamos para o dia da Feira de Ciências, que recebia muitas pessoas do bairro. Era um grande evento na verdade naquele bairro com tanta carência de eventos culturais. Num dos quatro anos em que participei da Feira, a Escola foi convidada para apresentar os melhores trabalhos na Feira Estadual de Ciências, que acontecia no Maracanãzinho. Vários grupos da nossa escola se apresentaram nesse evento, inclusive o meu grupo, o que pode ter sido meu segundo voo, pois a pré-

adolescente saiu do Arsenal para apresentar trabalho de Ciências no Rio!!! Lembro que a Dona Elizeth treinava a apresentação com os alunos e corrigia a nossa forma de falar. Lembro bem que não podíamos usar o pronome (agora sei que é pronome!) “a gente”. Ela dizia que tínhamos de falar “nós” para falarmos bonito no dia da Feira. Sempre conto essa história para os meus alunos de Linguística I, aproveitando para falar da aceitação do pronome ao longo do tempo. Há uns 40 anos, não podíamos falar “a gente”, mesmo com o verbo no singular, na sala de aula e hoje usamos “a gente” até em apresentação de congresso e já há quem use em texto escrito semiformal.

Assim, enquanto muitas meninas estavam começando a namorar e algumas já casavam aos 14 anos no meu bairro, eu estudava muito, lia livros, dava aulas, participava com alegria das atividades da escola. Mas sentia uma angústia, uma vontade de voar mais alto. O mal estar que eu sentia tinha relação com a falta de eventos culturais, biblioteca, cinema e também tinha relação com o extremo rigor de uma escola em atividade durante a Ditadura Militar. Eu ainda não entendia bem o que significava isso na época, mas tinha sonhos ruins com as tantas exigências com os alunos pobres daquele bairro.

Aos 15 anos, fui estudar em Niterói, na Escola Estadual Brigadeiro Castrioto. Pronto, meu terceiro voo foi dado, saía todo dia de São Gonçalo e ia para Niterói, uma cidade mais desenvolvida, que tinha cinema, universidade e biblioteca. Nessa escola, tive professores excelentes que me faziam refletir, que faziam discussões em grupo sobre vários temas e que me fizeram compreender o que significava a Ditadura. Nesse momento, começam as manifestações pelas Diretas já.

Nisso, eu comecei a frequentar a biblioteca pública no centro da cidade e passei assim a viver meu quarto voo, o que me ajudou a passar bem pela fase da adolescência. Eu pegava um ônibus da escola ou do Arsenal e ia buscar romances na biblioteca. Voltava para casa,



devorava os livros e quinze dias depois ia novamente para o centro da cidade trocar os livros. Essa saída da cidade para pegar e devolver romances me dava uma alegria imensa. E foi desse modo que li muitos clássicos da literatura brasileira e me apaixonei pelas obras de Machado de Assis, de Érico Veríssimo, de José Lins do Rego e de Jorge Amado. Lembro um dia quando meu irmão chegou e me viu aos prantos lendo *Capitães da Areia*. Eu tinha uns 15 anos e com aquela leitura compreendi que o mundo era muito injusto com os mais pobres e que eu poderia, trabalhando com literatura, mostrar as pessoas que o mundo poderia ser diferente e que a pobreza não é algo natural, é algo construído por nosso sistema sócio-econômico. Foi assim que pensei em fazer Letras ou História, mas a paixão pela literatura me fez decidir por Letras. Minha professora de Português no terceiro ano se tornou minha orientadora, digamos assim. Deu-me sugestões de leituras e me ajudou na escolha pela UFRJ.

## **2. A graduação na Faculdade de Letras da UFRJ**

Assim, fui eu estudar no Rio de Janeiro, atravessar a Ponte todos os dias e ouvir professores falando que estudaram em Paris, Lisboa, Londres. Meu quinto voo foi muito bonito e durou anos. Escolhi estudar Português-Literaturas. Amava português, amava gramática normativa, mas a escolha por Letras tinha mais a ver com a Literatura e a vontade de ser professora para ajudar a diminuir as injustiças sociais. Não sabia o que era Linguística, como todos os alunos não sabiam na época. Não sabia que havia ciência na área de Letras. Fiquei encantada com todas as matérias, me encantei sobretudo por Latim, por Grego e por Linguística no primeiro período.

Como não conseguia entender muito bem o que era Linguística através das aulas, resolvi ler o livro todo pedido no curso: era o livro *A linguagem e sua estrutura* de Ronald Langaker.

Pronto, eu devorei o livro como se fosse um romance. Adorei a explicação sobre isoglossas, dialetos, a explicação sobre variação e mudança, sobre aquisição da linguagem, sobre o modo como a linguagem funciona, sobre o conceito de preconceito linguístico. Depois, no segundo e no terceiro períodos, tive professores excelentes de Linguística, a Profa. Luiza Berthier e o Prof. Sebastião Votre. Também adorei os cursos que fiz em Língua Portuguesa, sobretudo os cursos de sintaxe com Sílvia Brandão e José Carlos Azeredo e o curso de História da Língua Portuguesa com Christina Mota Maia. Embora tenha gostado muito dos cursos de Literatura, foram os cursos ligados ao estudo da ciência da linguagem que me mostraram com mais segurança a trajetória do meu voo.

### **3. Estágio de Iniciação Científica em Linguística**

Ouvi falar em Iniciação Científica e fui falar com o Sebastião Votre, que me disse que deveria ter duas bolsas no início do ano seguinte, mas não poderia prometer nada, tudo dependeria da minha média final. Eu era muito tímida e os professores só me notavam mesmo quando corrigiam as minhas provas e me entregavam. Então tive uma média ótima e Sebastião me chamou e chamou outra colega, a Mônica Auler. Comecei a fazer Iniciação Científica no Projeto Censo (hoje PEUL) em 1987, orientada oficialmente pelo Sebastião Votre, mas tinha também muitas reuniões com o Prof. Anthony Naro. O tema da pesquisa era ordenação do sujeito em relação ao verbo. Coletava dados, analisava de acordo com vários fatores, discutia a análise com os professores e fazia tarefas ligadas a outras pesquisas também, como a presença ou ausência do /R/ final no português carioca. Tive bolsa de IC do CNPq por 2 anos no Projeto Censo/PEUL e depois tive bolsa de Aperfeiçoamento também do CNPq, enquanto estudava para a Seleção do Mestrado. No Projeto Censo, tive a oportunidade de ver o funcionamento de

um grande grupo de pesquisa, conversava com Cecília Mollica, Nelize Omena, Helena Grynner, Alzira Macedo, Cláudia Roncaratti, Vera Paredes da Silva, dentre outros pesquisadores. Às vezes vinham professores de outros Estados e países e eu lá, bebendo daquela fonte valiosa. A orientação de Sebastião e Naro era excelente, eles nos deixavam pensar, falar o que vinha à nossa mente, dar opiniões; Sebastião pedia para eu comentar textos que ele ia publicar, me pedia para assistir a aulas da Pós-graduação, me incentivava para falar sobre a minha pesquisa, me deixava explicar os resultados das análises com minhas próprias palavras, me apresentava para grandes nomes da Linguística e me emprestava um mundo de livros. Naquela época, não era muito comum aluno ter liberdade para se expressar tanto. Com ele aprendi sobre Linguística Funcional e aprendi sobre como liderar um grupo com entusiasmo, respeito pela opinião de todos e humildade. O grupo de pesquisa CENSO/PEUL e a orientação do Sebastião me permitiram dar um voo muito mais alto ainda, um voo que apontaria para meu longo caminho acadêmico na Linguística Sociofuncionalista.

Com a pesquisa sobre as ordens SV e VS, pude compreender a metodologia de coleta e codificação de dados, pude ver a relação entre estrutura linguística e os objetivos conversacionais do falante, testar hipóteses relacionadas ao tamanho do sujeito e o grau de novidade do referente, ao papel agentivo ou não do sujeito e sua posição na oração, à relação entre plano figura e fundo e ordem SV ou VS, ao grau de transitividade da oração, etc. Os resultados da pesquisa que ajudei a realizar foram apresentados em relatórios meus e dos professores e entraram no artigo, considerado um clássico para os estudos da ordem de palavras do português, “Discourse motivations for linguistic regularities. Verb/subject order in spoken Brazilian Portuguese” (NARO & VOTRE, 1999), inclusive com minha participação registrada na primeira nota do artigo.

Ainda no estágio de IC, li muitos textos de vários dos autores mais representativos da linguística funcionalista da década de 80: Givón, Hopper, Chafe, Thompson, dentre outros.

Também no PEUL, aprendi a usar o Varbrul, ainda na versão DOS, e aprendi a teoria e a metodologia da Sociolinguística Variacionista, tanto no projeto do Sebastião Votre, quanto nos projetos de outros professores que participavam do Projeto Censo e muitas vezes passavam tarefas ligadas à coleta de dados. Foi nesse espírito de grupo que escrevi meu projeto de Mestrado para estudar a variação “presença do pronome ‘eu’ versus ‘zero’ em narrativas”, projeto orientado pelo Sebastião Votre e coorientado pela Vera Paredes.

#### **4. Os cursos de pós-graduação *strictu sensu* e as experiências em sala de aula**

Entre 1990 e 1994, fiz o Mestrado em Linguística na UFRJ com bolsa do CNPq em parte do curso. Fiz diversas disciplinas desse Programa, como Introdução à Sociolinguística, Fonologia do português, As línguas indígenas brasileiras e disciplinas do Programa de Vernáculos, como História da Língua Portuguesa e Variedades do português. Cada dia aprofundava mais meus conhecimentos sobre a Linguística Funcionalista Americana, buscando informações sobre transitividade, planos discursivos, informatividade, marcação, dentre outros tópicos. Ao mesmo tempo, busquei fazer disciplinas que me ajudariam a ter uma boa base para prestar concurso para a área de Linguística ou de Língua Portuguesa em Ensino Superior. Tive uma formação excelente no Mestrado, tendo aulas de morfologia com Margarida Basílio, Sociolinguística com Cecília Mollica, História da Língua Portuguesa com Dinah Callou e Yonne Leite, Fonética e Fonologia com Yonne Leite e João Moraes, dentre outros cursos.

A pesquisa sobre a variação no uso do pronome de 1ª pessoa do singular (CEZARIO, 1994) teve resultados bem interessantes: as tendências eram as mesmas apontadas pelo trabalho de Vera Paredes na Tese de Doutorado sobre a variação no uso das seis pessoas gramaticais. Mas havia contribuições minhas, pois Vera havia trabalhado com cartas pessoais e eu com

narrativas pessoais, comparando fala e escrita. Observei que a taxa de presença do pronome *eu* era de 65% na fala e 34% na escrita. Observei que, quanto maior a integração das orações, maior a ausência de “eu” tanto na fala como na escrita, tomando como base o fator Graus de Conexão Discursiva, proposto por Paredes da Silva (1988). Também constatei que o pronome costumava ocorrer quando havia alguma quebra do fluxo da narrativa, sobretudo em mudanças de episódios (nos termos de Van Dijk, 1992). Uma das atividades mais interessantes da minha pesquisa de Mestrado foi fazer a pesquisa bibliográfica acerca da possibilidade ou não de haver variação do uso do pronome sujeito nas línguas neolatinas. Com isso li também sobre a hipótese de que o português está se tornando uma língua de sujeito obrigatório como o francês. Pude constatar, no entanto, que havia ainda forte motivação discursivo-pragmática para o uso de *eu* ou de *zero*.

Nesta época, eu fui aprovada em dois concursos para escolas fundamentais, tirei em segundo lugar no concurso para o Município de São Gonçalo e em primeiro lugar geral no concurso para o Município de Itaboraí. Eu considerava que meu sonho de ser professora de escola pública já estava realizado. Quando defendi a dissertação em 1994, eu já dava aula nas escolas públicas e levava tanto o conhecimento que eu tinha da Literatura Brasileira como de Língua Portuguesa num viés já muito voltado para a compreensão das variações de fala e escrita, gêneros diferentes, graus de formalidade, variações regionais e sociais do português. Tive ótimos alunos e alunos desinteressados também, mas, de um modo geral, havia muito crescimento das turmas em termos de produção e interpretação de textos. Levava também minha paixão pela literatura e sei que consegui incentivar muitos alunos a ler ficção e a buscar nos textos e na vida diferentes pontos de vista.

Em 1995, ingressei no Doutorado com um projeto sobre gramaticalização de verbos e de orações. Sebastião tinha trazido dos EUA um monte de textos sobre o assunto e seu enorme relatório de pesquisa de Pós-doutorado. Li o relatório, me debrucei para ler os textos de Heine,

Hopper e Traugott sobre o fenômeno de gramaticalização, segundo o qual a gramática surge e se modifica em decorrência de vários processos que levam elementos do léxico a exercer funções gramaticais ou elementos gramaticais a se tornarem ainda mais gramaticais. Também busquei compreender os processos cognitivos ligados à gramaticalização e o modelo teórico que explicava o fenômeno. Na Tese de Doutorado (CEZARIO, 2001), me debrucei sobre o tema “gramaticalização de orações”, tendo como principais fontes a escala de integração de orações de Givón (1990, 1995); a trajetória parataxe > hipotaxe > subordinação apresentada por Traugott e Hopper (1993) e os esquemas cognitivos relevantes para formação de esquemas que criam verbos auxiliares nas línguas, conforme apresentado por Heine (1993). Estudei a relação entre oração principal com verbos cognitivos e com verbos manipulativos e as suas orações completivas. Criei uma escala para medir graus de integração entre orações, a partir da literatura funcionalista, observando, dentre outros fatores, se os sujeitos das duas orações eram os mesmos ou não, se os tempos verbais eram os mesmos ou não, se o referente-sujeito da oração principal manipulava ou não as ações do referente-sujeito da segunda oração. Com a orientação de Naro – que passa a ser meu orientador oficial depois que Sebastião se aposenta – dei peso 1 para alguns fatores e peso 2 para outros. Com a escala de integração pronta, pude perceber que dados com os verbos cognitivos *achar*, *saber* e *ver* tinham integração menor com as orações completivas do que os verbos manipulativos *mandar*, *querer* e *deixar*. Além disso, havia diferenças no grau de integração dentro de cada grupo semântico de verbos. Defendi a Tese em 2001 e nesta época eu já era Professora da UFRJ.

Antes de terminar o curso do Mestrado, fui professora substituta de Linguística do Instituto de Letras da UFF, onde pude dar minhas primeiras aulas de Linguística. Ministrei aulas de Linguística geral, Morfologia e Fonologia. Pude aproveitar meus apontamentos de aula nos concursos que faria mais tarde. Também fiz concurso para Professor de Português para do Instituto de Letras da UERJ onde ministrei aulas de Morfologia e de Fonética e Fonologia.

Trabalhar como professora efetiva na UERJ me parecia um sonho. Usava, nas minhas aulas, textos de Mattoso Câmara, José Carlos Azeredo, Margarida Basílio, entre outros. As turmas eram muito boas, eu conseguia fazer os alunos que tinham acabado de entrar no curso a se sentirem apaixonados pela reflexão sobre a linguagem e sobre a língua portuguesa em específico.

Logo abriu concurso para Linguística na UFRJ e, embora eu já tivesse me sentindo realizada trabalhando na UERJ, decidi tentar uma vaga na federal, porque queria uma vaga de 40 horas D.E e porque meu amor pela universidade onde me formei falou mais alto. Tirei em primeiro lugar no concurso e comecei a dar aulas, enquanto fazia Doutorado na mesma instituição. No Departamento de Linguística, ministrei, nestes 23 anos de trabalho, cursos de Linguística I, II e IV. O primeiro é voltado para Introdução à Linguística, o segundo é sobre Fonética e Fonologia e o terceiro, mais livre, costumava ser focado em Linguística Aplicada ao Ensino. Estar na sala de aula da graduação em Letras é uma das minhas maiores alegrias e assim sempre busco dar minhas aulas com bastante entusiasmo, procurando apresentar o máximo de informação e procurando levar os alunos a refletirem sobre questões relevantes para compreensão da linguagem humana. Estar nas turmas da graduação me faz lembrar constantemente da moça que escolheu o curso de Letras aos 17 anos, porque queria ajudar a mudar o mundo. E isso me dá o entusiasmo necessário para seguir com energia e muita alegria para contribuir para a formação de muitos professores para o Brasil (digo professores, porque a maioria vai trabalhar no magistério). De 2011 para cá, com a entrada de novos professores no Departamento, pude me dedicar ao curso de Linguística I, pois gosto de ver os olhinhos brilhando dos alunos quando percebem a importância do curso de Letras para o país, para a formação de todos os profissionais, a importância da Linguística para compreensão dos fenômenos de variação e mudança, contribuindo assim para diminuição do preconceito linguístico e social. Gosto de ver o desenvolvimento da capacidade de redigir ao longo do

semestre, a ponto de a última prova muitas vezes ter respostas tão longas que os alunos reclamam que os dedos estão doendo e eu falo “quantas coisas vocês aprenderam em cerca de 4 meses!”

Estar no Departamento de Linguística e Filologia me deu a oportunidade de ser colega dos meus ex-professores do curso de Mestrado e do Doutorado, como Cecília Mollica, Miriam Lemle, Vera Paredes, Maria Luiza Braga e Helena Grynner. Sempre me orgulhei de fazer parte de um time de pessoas muito competentes e dedicadas ao ensino público gratuito e de qualidade. Cresci muito também com o convívio com os colegas do Departamento que tinham passado no concurso anterior ao meu, sobretudo o Prof. Mário Martelotta e Profa. Christina Abreu, e em concursos posteriores como a Profa. Lílian Ferrari.

Defendi a tese de Doutorado em 2001 e no ano seguinte pedi credenciamento para atuar na Pós-graduação de Linguística, na linha Mecanismos funcionais do uso da língua, hoje Modelos funcionais baseados no uso. Venho ministrando disciplinas no Mestrado e Doutorado relativas aos seguintes temas: Introdução à Linguística Funcionalista, Mudança Linguística, mais precisamente gramaticalização e atualmente construcionalização e mudanças construcionais, Gramática de Construções e Aquisição da Linguagem. Fiz várias parcerias para oferecer esses cursos, sempre estando presente nas aulas do início ao fim dos semestres. Foi uma grande honra ser parceira de turmas com Mário Martelotta, Maria Luiza Braga, Maria da Conceição Paiva, Vera Lúcia Paredes da Silva, Celso Novaes e Christina Abreu Gomes ao longo da minha história acadêmica, colegas muito competentes com quem aprendi muito. Nos últimos 3 anos tenho dividido disciplinas com professores mais novos do Programa de Pós-graduação em Linguística, a saber: Karen Sampaio, Deise Moraes, Priscilla Marques e Roberto de Freitas Jr. – todos ex-alunos e atuais professores do Grupo de Estudos Discurso e Gramática –, que contribuem com muita competência e entusiasmo para a divulgação e desenvolvimento da pesquisa em Linguística Funcional-Cognitiva.



Como em geral meus cursos da Pós-graduação não são obrigatórios, muitos dos alunos o fazem por estarem interessados em aprofundar o conhecimento acerca da Linguística Funcionalista ou, mais particularmente, sobre questões relativas à mudança linguística para aplicação em suas pesquisas. Além dos alunos da Pós-graduação em Linguística, recebo também alunos dos Programas de Letras Vernáculas e de Neolatinas. Assim, através dos cursos, vejo o desenvolvimento de diferentes projetos de pesquisa e acompanho o crescimento acadêmico de um número relativamente grande de alunos. Sinto-me muito honrada por contribuir com a formação de pesquisadores em diferentes setores da grande área Letras.

## **5. Cursos e palestras de extensão universitária**

Também contribuí, nestes 23 anos, com a extensão universitária, coordenando cursos e dando palestras, muitas delas aprovadas pela diferentes Diretorias de Extensão e Cultura da Faculdade de Letras. Alguns dos cursos que coordenei foram: “Linguística Funcional Centrada no Uso”, em 2013; “Tópicos em Sociofuncionalismo”, em 2008; e “Oficina: teoria funcionalista e parâmetros curriculares nacionais – abordagens e interfaces, em 2006. Algumas das palestras em cursos de extensão que dei foram: “Planos discursivos e análise de textos”, em 2006; “Linguística funcional: teoria e análise de dados”, em 2011 e “Planos discursivos e análise de textos”, em 2006. Meus objetivos sempre foram voltados para a divulgação da pesquisa da linha Modelos funcionais baseados no Uso tanto para alunos da Faculdade de Letras como para outras áreas, como Comunicação e Educação. Nossa linha tem muito a contribuir com essas áreas, pois podemos mostrar que vários processos cognitivos atuam na construção de um texto ou de um discurso, de modo que o autor atinja seus objetivos comunicativos. Além disso, discussões

sobre variação e mudança contribuem para diminuição do preconceito linguístico, o que é um fator positivo para a Educação e para a sociedade em geral.

Gostaria de destacar três palestras que fiz em escolas de Ensino Médio, como atividades de extensão e atividades obrigatórias de quem recebe auxílio da FAPERJ<sup>2</sup>: a) “Ordenação de adverbiais temporais e aspectuais no português escrito” - Palestra dada na E.E. Joaquim Távora em agosto de 2010; b) “A Faculdade de Letras e a pesquisa em Linguística” – Palestra dada no CIEP 409 em maio de 2011; e c) “Mudança linguística e ensino de Língua Portuguesa”, palestra dada na E.M. Levi Carneiro, em 2009. Tais palestras me permitiram levar até a alunos e a professores de três escolas públicas diferentes informações sobre contribuições que a Linguística pode dar ao ensino de língua materna e estrangeira e à diminuição de preconceitos linguísticos. Também pude falar para os alunos sobre o que é Linguística, sobre como é a pesquisa na área de Letras e sobre como é o curso de Letras de modo geral. Foi imensamente gratificante ter podido, em três momentos de minha vida acadêmica, interagir diretamente com professores e alunos do Ensino Médio, fora do meio universitário, dentro de diferentes escolas públicas.

## **6. O Grupo Discurso e Gramática: projetos e orientações no Programa de Pós-graduação em Linguística**

Sebastião Votre cria o Grupo de Estudos Discurso e Gramática (D&G) no início da década de 90, quando eu e Mário ainda éramos alunos da Pós-graduação, eu, mestranda e Mário, doutorando. Ainda como doutoranda e Professora Assistente, tive minhas primeiras

---

<sup>2</sup> Cf. seção “Prêmios” deste Memorial.

experiências como orientadora de aluno de Iniciação Científica, enquanto fazia a pesquisa para o Doutorado. Depois que ingressei no Programa de Pós-graduação, desenvolvi muitos projetos de pesquisas no D&G, sempre com orientações de Iniciação Científica, Mestrado e dois anos depois também de Doutorado. Quando Sebastião se aposentou, Mário passou a ser o coordenador do Grupo e assim que terminei o Doutorado, ele se reuniu comigo e a Profa. Mariangela Rios de Oliveira, coordenadora do D&G-UFF, para fazermos um projeto integrado para estudar os advérbios e adjuntos adverbiais. Dividimos as tarefas de acordo com os tipos semântico-funcionais da grande classe “adverbiais”. Mário ficou responsável pelo desenvolvimento de um projeto sobre advérbios modais e modalizadores; Mariangela ficou com o tema advérbios locativos e eu, com os temporais e aspectuais.

Como parte das atividades do Programa de Pós-graduação em Linguística, na linha Modelos funcionais baseados no uso, desenvolvi vários projetos ligados ao tema adverbiais temporais e aspectuais ao longo de cerca de 10 anos, tendo a partir de 2007 bolsa de Produtividade do CNPq. No primeiro triênio de bolsa (2007-2010), foquei os usos de advérbios e locuções adverbiais no português contemporâneo e no português arcaico, procurando verificar as tendências de uso em dois períodos relativamente distantes. No segundo triênio (2010-2013), foquei os usos dessas classes em textos dos séculos XVIII e XIX e no terceiro triênio (2013-2016), fechei o estudo ao longo dos séculos, buscando fatores que explicassem os usos dos adverbiais nos séculos XVI e XVII e fiz uma comparação dos resultados em todos os séculos. Hipóteses importantes do funcionalismo americano foram testadas para melhor compreensão da relação entre posição de locuções adverbiais e fatores como tamanho da locução, presença ou ausência de sujeito antes do verbo, gênero textual, tempo do verbo, papel textual da locução, etc. De um modo geral, as locuções adverbiais temporais e aspectuais tendem a ocorrer na margem esquerda, quando são grandes, quando estão em porções argumentativas dos textos e quando delimitam o tempo do evento. Verificamos também que o maior enrijecimento da ordem

SV ao longo da história do português não causou mudança na colocação de advérbios e locuções adverbiais temporais e aspectuais. Os usos de locuções adverbiais se relacionam sobretudo com pressões discursivas como mudança/manutenção de assunto, independentemente do período estudado. Também verificamos que, independentemente de o sujeito estar na posição pré-verbal, locuções adverbiais tendem a aparecer na margem esquerda quando há mudança de assunto ou de referente-sujeito. Orientei, ao longo de quase uma década de pesquisa sobre adverbiais, 9 Dissertações de Mestrado e 3 Teses de Doutorado ligadas a este tema. Escrevi diversos artigos com análises relacionadas ao tema advérbio e organizei um livro, juntamente com Mariangela Rios de Oliveira (RIOS DE OLIVEIRA e CEZARIO, 2012), sobre esse tema.

Gostaria de destacar dessas orientações a tese de Doutorado de Érika Ilogti de Sá (ILOGTI DE SÁ, 2015), que foi o último trabalho que orientei (com coorientação de Maria da Conceição Paiva) ligado ao Projeto acerca dos usos de locuções adverbiais e que representa para mim um dos trabalhos mais importantes orientados por mim sobre o tema, porque a Érika testou uma série de hipóteses do funcionalismo clássico e ainda comparou os usos de locuções adverbiais do português contemporâneo com os usos do francês. Uma das hipóteses que discutimos bastante foi o uso de locuções adverbiais temporais em início de oração tanto em português como em francês: o trabalho da Érika demonstrou que os usuários colocam na escrita jornalística (amostra utilizada) locuções em início de oração por questões discursivo-pragmáticas – como para mudar de assunto ou para topicalizar informação ligada ao momento do evento – e também por questões estruturais – como o tamanho das locuções. A presença ou a ausência de sujeito na posição pré-verbal, embora seja um fator relevante, não é o mais importante para explicar a presença de locuções na margem esquerda da oração, pois o francês, sendo uma língua de sujeito obrigatório com alta incidência na posição pré-verbal, também tem incidência alta de locuções na margem esquerda. Uma reflexão acerca dos resultados dessa tese levou à produção do artigo enviado para o número especial da Revista Linguística (inédito)

“Ordem de circunstanciais temporais em português e francês: motivações discursivas”, em coautoria com Érika e Conceição Paiva.

Assim, fechei, em 2016, o projeto sobre os usos de adverbiais, com inúmeros produtos (dos quais tratarei mais a frente neste memorial) e comecei no triênio 2016-2019, com bolsa do CNPq, um projeto sobre mudanças construcionais e construcionalização na formação dos conectivos com a forma [X que] e as orações adverbiais por eles iniciados. No atual triênio, dou continuidade ao projeto. Desse modo, junto com a minha equipe de orientandos, estamos estudando a história da formação de inúmeros conectivos na forma [X que], procurando verificar que processos cognitivos atuaram para a criação dessa construção tão produtiva. O objetivo principal do estudo é analisar a formação da construção conectiva [Xque], que licencia microconstruções como *sempre que, toda vez que, só que, ainda que, logo que, já que*, dentre outras. Usamos o modelo construcional de mudança linguística, qual seja, o modelo da construcionalização/mudança construcional, que é uma proposta que dá continuação ao modelo da gramaticalização, mas também traz novas diretrizes, à medida que trabalha também com construções esquemáticas e concebe a gramática de uma língua como sendo uma rede de construções.

As mudanças construcionais que deram origem à construção [Xque]<sub>CONNECT</sub> são decorrentes, dentre outros fatores, do fato de existir um contínuo entre as categorias, permitindo que a gramática de uma língua mude constantemente. Como a pesquisa se volta para o estudo das relações entre advérbios e conectivos, contribuiremos também para melhor definição dessas classes tendo em vista a corrente Linguística Funcional Centrada no Uso.

Agora em fevereiro, meu orientando Thiago Santos defendeu dissertação ligada ao tema geral formação de conectivos [Xque], dando ênfase às microconstruções *ainda que* e *mesmo que*, assim como às orações concessivas por elas encabeçadas (SANTOS, 2019). No mesmo

mês Monique Santos Fernandes defendeu Tese de Doutorado orientada por mim sobre usos de *uma vez que*, *assim que* e *já que* ao longo da história do português (FERNANDES, 2019). Além desses produtos, alguns artigos já foram produzidos por mim e pela equipe sobre o tema ligado aos usos de conectivos e de orações adverbiais (conforme mostrarei mais adiante).

De 2010 para cá, sobretudo, os estudos funcionalistas vêm bebendo da fonte das contribuições da Linguística Cognitiva, principalmente da Gramática de Construções, e da Linguística de Corpus, com a concepção de que a gramática é uma rede de construções conectadas em rede e que processos cognitivos de domínio geral, tais como analogia, *chunking* e categorização, atuam tanto na manutenção das construções como nas suas mudanças. O Grupo de Estudos Discurso e Gramática, acompanhando as tendências internacionais, também trabalha com essa visão construcional para dar conta tanto da variação sincrônica como das mudanças construcionais. Venho orientando alunos para verificação da frequência de ocorrências e da frequência de tipos nos fenômenos estudados há cerca de 10 anos.

Todos esses projetos foram coordenados por mim, com vínculo com os projetos dos meus alunos de IC, Mestrado e Doutorado. Discussões semanais, mudanças na condução da metodologia, apresentações em congressos, artigos com os resultados desses projetos – tudo sempre foi feito em equipe. Eu digo que aprendi a ter espírito de equipe com o Professor Sebastião, que sempre me deu abertura para discutir os resultados de suas pesquisas. Ao longo do período em que venho trabalhando na UFRJ foram inúmeras as orientações concluídas. Tive cerca de 25 alunos de Iniciação Científica, orientei 18 dissertações de Mestrado e 9 teses de Doutorado. Desses 18 alunos de Mestrado, 11 foram meus alunos de IC e dos 9 alunos de Doutorado, 4 foram meus orientandos desde o estágio de IC, o que demonstra meu papel na formação de novos pesquisadores, desde a formação mais básica até o fim do Doutorado. A maioria desses trabalhos são relacionados com os projetos apresentados acima, seja sobre adverbiais, seja sobre conectivos e orações hipotáticas. Mas orientei trabalhos também de temas

diferentes dos temas acima, como a Tese de Roberto de Freitas Jr. (FREITAS JR., 2011), sobre usos de (X)VS na escrita em inglês produzida por estudantes brasileiros, a Tese da Priscilla Mouta Marques (MARQUES, 2012), sobre a história da ordenação VS no português; a Tese de Bruna Soares (SOARES, 2018), sobre a construcionalização de “a gente” na história do português; e a tese de Júlia Langer Campos (CAMPOS, 2019) sobre os usos de adjetivos adverbiais em comparação com os usos de advérbios em –mente qualitativos, uma orientação em parceria com a Prof<sup>a</sup>. Priscilla Mouta e a dissertação de Mestrado de Dennis Castanheira (CASTANHEIRA, 2017) sobre usos de advérbios modalizadores em editoriais e análise da mesma classe gramatical em livros didáticos de português, em parceria com Leonor Werneck. Orientei 3 monografias de fim de curso, produtos das pesquisas de iniciação científica dos alunos da minha equipe. Destaco também a supervisão de Pós-doutorado que dou a Prof<sup>a</sup>. Rosa Gomes, desde agosto de 2018, que trabalha com o tema “ A Posposição do sujeito sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso”. Também tive 4 monitores de diferentes cursos de Linguística.

Interessante destacar que meu contato com a pesquisa em Linguística funcionalista começou com uma pesquisa sobre as motivações de uso da ordem VS em português e que volto a trabalhar com o tema através da orientação das Teses de Roberto e Priscilla, a dissertação de Gabriela Lamin e com a supervisão do Pós-doutorado da Rosa Gomes.

Gostaria de destacar, desse grupo de trabalhos de temas variados ligados à LFCU, a pesquisa de Doutorado de Júlia Langer Campos (CAMPOS, 2019). Juntamente com Priscilla, Júlia e eu discutimos muito, ao longo dos últimos 5 anos, sobre pressupostos teóricos e metodológicos para estudar duas construções em competição: [V A<sub>adv</sub>] e [V-mente], como em *beber rápido* e *beber rapidamente*. A principal hipótese do trabalho era a de que, embora as duas construções sejam semelhantes semanticamente, elas não o são pragmática e distribucionalmente. As reflexões com Júlia e Priscilla sobre o fenômeno renderam dois

capítulos de livros, um publicado como e-book fruto de um congresso, em Aveiro; e outro enviado para uma coletânea que está concorrendo a um edital de publicação em outro Estado do país.

Dentro do Grupo D&G, a presença do coordenador geral e amigo, Mário Martelotta, foi muito importante para mim e minha equipe. Fazíamos reuniões periodicamente para discutir textos, fazíamos estudo de livros completos, dávamos cursos na Pós e na Extensão. Mário treinava comigo os alunos para as apresentações na Jornada de IC e no Seminário da Pós. Lia e comentava nossos textos e tinha sede pelo novo, queria sempre estudar um texto diferente. Assim trabalhamos juntos no Discurso e Gramática, como professores, por cerca de 15 anos. Fazíamos com pesquisadores de outras sedes do Grupo encontros anuais para discussão de nossas pesquisas e de 2007 para cá esses encontros cresceram, se abriram para um público maior com a presença de ilustres pesquisadores internacionais, como Elizabeth Traugott, Bernd Heine, Joan Bybee, Graeme Trousdale, Adele Goldberg, dentre outros.

Um ano antes do falecimento do Mário, antes de ele assumir a Coordenação da Pós-graduação em Linguística, passei a coordenar o Grupo D&G. Em 2010, a Karen Sampaio, ex-orientanda do Mário por anos, passa no concurso público para o nosso Departamento e nos anos seguintes entram a Deise Moraes Pinto (ex-orientanda do Mário) e a Priscilla Mouta Marques (orientada por anos pelo Mário e no fim do Doutorado por mim). Em 2014, um dos meus ex-orientandos de Mestrado e Doutorado, Roberto de Freitas Jr. passa no concurso para o Departamento de Libras e se torna também integrante do time de pesquisadores do D&G. Hoje todos esses são também professores do Programa de Pós-graduação em Linguística. O Grupo ainda conta com a Profa. Márcia Machado do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas e Simone Bondarczuk, do Departamento de Letras Clássicas.



Concomitante aos processos seletivos para professores efetivos, também houve processos seletivos para professores substitutos para diferentes universidades federais e estaduais e vários dos alunos ou ex-alunos do D&G preencheram diversas vagas. Gabriela Lamin, Júlia Langer, Bruna Soares, Natália Machado, Érika Ilogti de Sá, Dennis Castanheira foram alguns de meus orientandos que foram professores substitutos. Desse modo, o Grupo, além de contribuir para a formação de novos pesquisadores, também contribui para a formação de professores que atuam em cursos de graduação em Letras.

Como coordenadora do Grupo Discurso e Gramática e dos meus projetos de pesquisa, procuro incentivar a equipe para discutir questões atuais na Linguística, procuro fazer os alunos aprender com profundidade os pressupostos teóricos e metodológicos, compreender a importância do questionamento, da humildade diante do fato de não sabermos tudo, da importância de se respeitar outras correntes linguísticas, embora possamos criticar as suas bases, de ouvir críticas, de ter paciência para reanalisar muitas vezes os mesmos dados, de trabalhar com seriedade, de respeitar o público, as bancas, de ajudar o colega, de saber o que os alunos de outros níveis estão pesquisando e de compreender a importância de contribuir para a educação e a ciência do país. Sinto-me muito honrada de poder liderar o Grupo D&G-Rio e ensinar o que aprendi com Sebastião Votre, Mário Martelotta, Mariangela Rios de Oliveira e Maria Angélica Furtado, essas últimas líderes do D&G- Niterói e D&G- Natal, respectivamente. O falecimento do Mário foi algo muito triste para todos no Grupo (e também fora do Grupo, como todos sabem), mas, com a união de todos, pudemos seguir com alta produção e muita satisfação por contribuir com a pesquisa científica da UFRJ e do país.

Digo sempre, modestia à parte, que um aluno que fica no D&G do estágio de IC até o fim do doutorado, sai tendo experiência como professor, pesquisador, orientador (pois damos a oportunidade para esses alunos coorientarem alunos de IC), organizador de eventos e pareceristas. Procuro dar oportunidade para todos de se expressar como se não houvesse níveis,

ouço a sugestão de um aluno de IC da mesma forma que ouço a de um doutorando e penso que uma das qualidades que tenho como orientadora é a de deixar meus alunos de Mestrado e Doutorado livres para interpretarem os resultados da pesquisa, para buscarem hipóteses a partir da análise dos dados e da literatura e respeito o máximo a sua redação e ideias. Não quero que tenham o meu perfil, mas que criem perfis próprios. E eles criam!

## **7. O Pós-doutorado e cursos de qualificação**

Retornando à minha formação e às contribuições que venho dando para a Linguística Funcional Centrada no Uso, gostaria de destacar o meu estágio de Pós-doutorado no primeiro semestre de 2014 e a parceria com a Universidade de Edimburgo, através do diálogo com o Prof. Graeme Trousdale. Esse professor esteve na UFRJ através do convite do Grupo Discurso & Gramática-Rio em 2013 para participar do Seminário Internacional do Grupo. Deu um curso de cerca de 15 horas na UFRJ sobre a visão construcional sobre a linguagem e sobre construcionalização e mudança construcional. Discuti a diferença entre a visão unidirecional da mudança conforme demonstrado pelo modelo da gramaticalização e a visão em rede da abordagem construcionista. Dialogamos bastante e alguns meses depois fui para Edimburgo estudar o modelo da construcionalização e da mudança construcional, a partir do meu projeto novo sobre formação de conectivos e usos de orações hipotáticas adverbiais. Em todas as semanas, o Prof. Trousdale reunia-se comigo, uma doutoranda e um outro professor visitante para discutirmos sobretudo as ideias do seu livro, em coautoria com E. Traugott, o então recém-lançado, *Construcionalization and Constructional Change* e para discutirmos dados do português, do inglês e do chinês. Tive a oportunidade de trabalhar com um profissional brilhante e que me ajudou a ampliar minha visão sobre a linguagem e sobre os processos cognitivos de

domínio geral que atuam também na linguagem. Voltei para o Brasil, discuti o livro no Grupo Discurso e Gramática, dei vários cursos sobre o assunto na Pós-graduação da UFRJ, dei um minicurso sobre o assunto no I Congresso do Porus (UFF), em 2016, e depois ministrei um curso de Pós-graduação na UFG, junto com as Professoras Vânia Casseb e Mariangela Rios de Oliveira. Na UFRJ, dividi com Maria da Conceição Paiva e Maria Luiza Braga nosso primeiro curso sobre o assunto. Logo depois dei aula com Karen, Roberto, Vera, Priscilla e Deise, em diferentes semestres, sempre abordando de alguma forma questões ligadas à mudança linguística do ponto de vista construcional. Ao mesmo tempo, outros professores do Grupo começaram a orientar pesquisas numa visão construcional, adotando principalmente o modelo de Traugott e Trousdale. Mariangela Rios de Oliveira, Ivo do Rosário, Maria Angélica Furtado da Cunha, Edvaldo Bispo, Patrícia Cunha, dentre outros, também começaram a dar cursos e a orientar trabalhos ligados à Gramática de Construções e/ou Construcionalização e Mudança Construcional. Diversas Dissertações e Teses foram defendidas de 2014 para cá com os pressupostos e a metodologia divulgadas por Traugott e Trousdale (2013) e pelo Grupo D&G. Assim, sinto-me muito honrada em ter feito parte da história da Linguística do Brasil, tanto no momento em que houve o boom do modelo da gramaticalização como no momento em que estudos construcionistas são feitos a todo vapor. E minha participação foi tanto de colocar em prática o fazer científico a partir de um desses modelos, como de divulgar no Brasil os modelos, através de meus cursos, de minhas publicações e de minhas orientações.

Enquanto trabalhei na UFRJ, sempre me qualifiquei através de cursos e aulas de línguas estrangeiras e diversos cursos de curta duração com pesquisadores renomados, além do estágio de Pós-doutorado mencionado. Alguns dos cursos de curta duração que fiz foram: “An introduction to Construction Grammar”, ministrado por Martin Hilpert na UFRN, em 2018; “Networks and constructional change”, dado por Graeme Trousdale, na UFF, em 2017; “Constructionist approach to language”, ministrado por Adele Goldberg, na UFRJ, em 2016;

“Grammar and interaction: new directions in construction Grammar”, dado por Mirjam Fried, na UFRN, em 2015. Aproveitei muito dos conteúdos desses cursos para minhas pesquisas e para as aulas dos cursos da Pós.

Gostaria de destacar também um curso de 45 aulas que fiz com a Professora e colega Lilian Ferrari em 2009 para melhor compreender os pressupostos da Linguística Cognitiva, pois eu já estava percebendo que o Funcionalismo e a LC estavam se aproximando cada vez mais com a Gramática das Construções de Goldberg.

## **8. Publicações e apresentações de trabalho**

Minhas pesquisas refletem duas fases da linha funcionalista: uma da chamada Linguística Funcionalista Americana, que hoje consideramos a Linguística Funcionalista clássica e outra da Linguística (funcional) centrada no uso. A primeira engloba estudos que buscam verificar fatores semântico-discursivo-pragmáticos que expliquem as motivações para usos de uma dada forma ou para variação de formas ou ainda que expliquem as mudanças por gramaticalização ou lexicalização (cf. HOPPER e TRAUGOTT, 1993; HEINE et alii, 1991, TRAUGOTT e DASHER, 2002) e outra fase, a da Linguística (Funcional) Centrada no Uso e une conhecimentos da fase clássica com contribuições da Linguística Cognitiva, sobretudo com a linha da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001), e Linguística de Corpus. Assim considero que minhas publicações também representam essas duas fases da área que atuo.

### **8.1 A primeira fase**

Da primeira fase, destaco minha dissertação de Mestrado – intitulada *Variação do sujeito na primeira pessoa do singular* e minha tese de Doutorado – intitulada *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*, já tratadas aqui. Dos 6 livros que organizei ao longo da carreira, destaco 3 da primeira fase do funcionalismo.

O primeiro livro que organizei foi *Gramaticalização no Português do Brasil*, produzido em parceria com Sebastião Votre e Mário Martelotta. Ainda no início do Doutorado, recebi o convite de Sebastião e Mário, para organizarmos um livro com a apresentação dos pressupostos teóricos do modelo da gramaticalização e os primeiros resultados acerca de estudos sobre gramaticalização no português do Brasil, feitos por professores e alunos do Grupo de Estudos Discurso e Gramática. Tenho neste livro três capítulos em coautoria, sendo dois capítulos teóricos e um com resultados relativos às pesquisas iniciais para a minha tese.

“A coletânea contém os elementos básicos da teoria funcionalista, com ênfase na gramaticalização de itens léxicos, expressões e estruturas sintáticas do português do Brasil. Os temas abordados convergem todos para fundamentar e ilustrar o paradigma emergente da gramaticalização: transferência metafórica, mudança de classe gramatical, abstratização do sentido, regularização dentro da cláusula (marcadores) e regularização fora da cláusula (complementação teórica verbal e serialização”. (p. 10)

Este livro, durante muitos anos, foi a principal referência sobre o tema “Gramaticalização do português” para muitas pesquisas de Mestrado e Doutorado no Brasil. Trata-se de um marco dos estudos sobre gramaticalização do português, com discussão sobre conceitos fundamentais do modelo de gramaticalização e resultados de pesquisas pioneiras na nossa área, como gramaticalização na repetição, de Mariangela Rios de Oliveira, nos mecanismos de negação, de Maria Angélica Furtado da Cunha, e em operadores argumentativos, de Mário Martelotta.

Também escrevi, em parceria com esses mesmos colegas, o livro *Gramaticalização*, publicado pela Editora da Faculdade de Letras, em 2004, com resultados das nossas pesquisas. O meu capítulo, particularmente, traz alguns dos resultados da minha Tese de Doutorado, sobretudo os resultados referentes à gramaticalização de verbos manipulativos, com *mandar* e *deixar*.

*Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas* (Eduff, 2012), livro que organizei em coautoria com Mariangela Rios de Oliveira, é uma coletânea de nove capítulos de diferentes autores que se debruçaram sobre o estudo dos adverbiais numa perspectiva funcionalista. Neste livro, tenho dois capítulos, um sobre ordenação de locuções adverbiais temporais e outro em parceria com um ex-mestrando, Filipe Albani, sobre ordenação do advérbio *sempre* no português arcaico e no atual. Na página 10, resumimos:

A preocupação com os fatores textuais é uma constante ao longo da obra. Como se trata de uma categoria analítica a qual os autores retornam de forma consistente e controlada, o livro oferece uma panorâmica da qual se podem depreender, além do conhecimento das trajetórias de mudanças experimentadas pelos adverbiais, suas consequências e motivações cognitivas e pragmáticas. O cuidado no trato das questões textuais também se manifesta pelo tratamento da amostra que subsidia as pesquisas. Os estudos de caso particulares se fundamentam em tipos textuais particulares, sejam textos religiosos, jornalísticos, dramáticos, quando da investigação de adverbiais específicos. (p. 10 )

Considero este livro relevante, dentre outros motivos, porque registra o que o Grupo D&G pesquisou acerca de adverbiais por mais de uma década. O primeiro capítulo é especialmente importante porque traz reflexões a partir de muitas pesquisas realizadas ou orientadas pelo Mário Martelotta a respeito da classe dos adverbiais. Considero uma obra indispensável para quem quer trabalhar com adverbiais, portanto.

Escrevi, ao longo da minha carreira, 32 capítulos de livros, destes destaco 4 que trouxeram boas contribuições na primeira fase seja para divulgar os pressupostos do funcionalismo linguístico, seja para contribuir para estudos sobre a língua portuguesa:

- 1- MARTELOTTA, M. E.; CEZARIO, M. M. Grammaticalization in Brazilian Portuguese. In: Heine, B.; Narrog, H. *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford, 2011, p. 729-739.
- 2- CEZARIO, M. M. C. O papel das locuções adverbiais temporais no discurso religioso. In: RIOS DE OLIVEIRA, M.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. Niterói: Editora da UFF, 2012, p. 139-155.
- 3- CUNHA, M. A. F.; Costa, M.A; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R. ;MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015, p. 21-47.
- 4- CEZARIO, M. M. *et alii*. Os advérbios: aspectos históricos e usos atuais. In: LOPES, C. R. S. *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

O primeiro capítulo destacado foi escrito com Mário Martelotta a partir de um convite do Prof. Bernd Heine para escrevermos sobre fenômenos de gramaticalização no português do Brasil. Muito honrados com o convite, decidimos escrever um texto sobre processos de gramaticalização envolvidos na formação do pronome *você*, do pronome *a gente*, dos auxiliares *querer* e *ir* e de operadores argumentativos como *depois*. Considero o capítulo importante, porque traz um apanhado geral de pesquisas feitas no nosso país sobre o PB, contribuindo para divulgação internacional. A coleção de livro da série “The Oxford Book of X” tem grande importância, por apresentar textos de temas específicos de renomados pesquisadores, por pertencer a uma editora universitária de destaque e por ter grande distribuição no mundo. Ter um capítulo sobre gramaticalização de elementos da variedade brasileira ao lado de nomes que se destacavam muito na época como Heine e Traugott e que vieram a ser grandes nomes mais tarde como Graeme Trousdale e Martin Hilpert me fez ter a dimensão de como estávamos e estamos caminhando junto com pesquisadores de grandes centros de pesquisa em linguística.

O segundo capítulo destacado apresenta uma comparação das tendências de usos de locuções adverbiais temporais em textos religiosos do português arcaico e do português contemporâneo. A pesquisa apresentada demonstra que as locuções adverbiais podiam e podem ter diversas posições na oração, mas há tendências de usos diferentes. No português arcaico, a ordenação do sujeito era mais livre e a posição das locuções adverbiais se concentrava na margem direita ou na margem esquerda da oração. Hoje, há maior enrijecimento da ordem SV (O) e as locuções adverbiais temporais tendem a ocorrer na margem esquerda da oração. A explicação para maior uso de locuções na margem esquerda é funcionalista e não estrutural: os textos religiosos do português contemporâneo estudados são mais argumentativos do que os textos religiosos do português arcaico e as locuções adverbiais, além de representar o tempo do evento, também servem para estabelecer mudança de tópico/assunto, contrastes de comportamentos entre passado e presente, etc.

O terceiro capítulo, escrito com Angélica Furtado da Cunha e Marcos Costa, já se tornou um clássico para alunos de graduação e de pós-graduação, pois é bastante recomendado pelos professores para que os alunos adquiram conhecimento sobre o funcionalismo para contrapor a outras correntes ou para servir de base teórica para projetos de pesquisa em linguística, mestrado e doutorado. Conceitos importantes para a compreensão da linha funcionalista, como transitividade e informatividade, são apresentados e exemplificados no capítulo. O livro é editado em 2003 pela editora DP&A. Em 2015, já na Parábola, foi feita uma edição corrigida e ampliada. Quando saiu a primeira edição, havia poucas publicações em português, com exemplificação de dados retirados de pesquisas feitas no Brasil, sobre a linha funcionalista americana.

O quarto capítulo escolhido, escrito em parceria com Karen Alongo, Deise Moraes Pinto, Júlia Nunes, Érika Ilogti de Sá e Bruna das Graças Soares, compõe o volume 4 da obra *História do Português Brasileiro*, coordenado por Ataliba Castilho e organizado por Célia



Lopes. Trata-se de um longo capítulo sobre a classe de advérbios com revisão de propostas de classificação de vários linguistas brasileiros e com foco na proposta baseada em traços de prototipicidade, de Martelotta (2012). Martelotta classifica os advérbios em dois grandes grupos, os centrados nos qualitativos (advérbios qualitativos propriamente ditos, modalizadores, de verificação e de intensidade) e os centrados nos aspectuais (incluindo os aspectuais e circunstanciadores). Além de apresentar a proposta, também apresentamos três pesquisas que coordenamos relacionadas ao estudo dos advérbios e que focam o português do século XIX e XX: usos de advérbios temporais e aspectuais em –mente, usos de qualitativos e modalizadores em –mente e usos do intensificador *muito*. Destaco essa obra pela exaustiva revisão da literatura feita, pela aplicação de uma proposta teórico-metodológica até então pouca divulgada à análise de dados retirados do corpus do PHPB.

Foram mais de 20 artigos publicados até fevereiro de 2019. Dos artigos que escrevi que representam a primeira fase, destaco:

CEZARIO, M. M. Padrões de frequência nas construções com cláusulas completivas. *Lingua(gem)*, Macapá, v. 1, p. 11-38, 2004.

SOARES, B.; CEZARIO, M. M. Ordem de sintagmas preposicionais com valor temporal em textos jornalísticos. *Diacrítica* (Braga), v. 26, p. 225-246, 2012.

CASTANHEIRA, D.; CEZARIO, M. M. Locuções adverbiais de tempo em cartas oficiais do século XIX: motivações para a ordenação. *Revista SOLETRAS*, v. 1, p. 41-59, 2014.

O primeiro traz uma análise dos graus de integração entre cláusulas matrizes com verbos cognitivos ou manipulativos e suas cláusulas completivas. Apresento o resultado de cada fator controlado para estabelecer graus de integração entre cláusulas, tais como correferência do referente-sujeito, tempo das orações, manipulação do referente-sujeito da primeira oração sobre o referente-sujeito da oração completiva, etc. A análise dos resultados desses fatores me levou

a estabelecer graus de conexão entre orações com completivas, conforme expliquei acima com relação à pesquisa do doutorado.

O segundo artigo, em coautoria com Bruna das Graças Soares, é uma publicação internacional e traz uma análise da posição de sintagmas preposicionais com valor temporal em textos jornalísticos do século XXI, buscando observar a atuação de fatores estruturais e funcionais que expliquem a posição desses sintagmas em relação ao verbo. O resultado mais interessante é que os sintagmas preposicionais tentem a aparecer na margem esquerda quando o sujeito não é tópico e tentem a aparecer na margem direita da oração quando o sujeito é tópico.

O terceiro artigo traz contribuições para compreensão do uso de locuções adverbiais em cartas oficiais do século XIX, focando a relação entre posição das locuções e seus papéis textuais. O resultado mais interessante é que as locuções que apenas localizam os eventos no tempo tendem a ocorrer na posição final à oração, enquanto locuções com papéis que vão além da oração, como as que estabelecem mudança de assunto, tendem a ocorrer na posição inicial. Este é mais um trabalho que demonstra que papel discursivo-funcional é muito relevante para explicar a ordenação de sintagmas.<sup>3</sup>

Os trabalhos apresentados nesta seção refletem, além de minha pesquisa na área funcionalista, o modo de coleta e de análise de dados vindos da sociolinguística variacionista. A reflexão sobre questões teórico-metodológicas da sociolinguística me levou a escrever, junto com Sebastião Votre, um texto didático que é muito lido nos cursos de graduação em Letras, o capítulo Sociolinguística do *Manual de Linguística* (cf. CEZARIO; VOTRE, 2008). Assim o forte vínculo com a sociolinguística, nascido com o estágio de IC no Censo/PEUL, e as orientações de Sebastião Votre e de Vera Paredes da Silva me fazem considerar uma linguística sociofuncionalista. Tive a oportunidade de escrever, junto com Priscilla Mouta Marques e

---

<sup>3</sup> Os dois últimos são produtos dos projetos para os quais ganhei bolsas de produtividade.

Jussara Abraçado, um capítulo de livro que reflete bem a visão sociofuncionalista que tenho. Trata-se do capítulo Sociofuncionalismo do livro Sociolinguística Sociolinguísticas (cf. FERRAREZI Jr.; MOLLICA, M.C., 2016)

## 8.2 Segunda fase

Considero a segunda fase os trabalhos (a) em que procurei fazer uma análise com contribuições da visão construcional da linguagem, (b) em que busquei compreender a variação e a mudança linguística com base nos processos cognitivos de domínio geral, tais como categorização e analogia, e (c) em que passei a conceber a gramática como uma rede de construções – pareamentos simbólicos de forma e função. A passagem de uma fase da linguística funcional para outra não foi abrupta, na verdade essa fase em que se valoriza a visão construcional é uma continuação do que veio antes, desenvolvida a partir das reflexões dos resultados de pesquisas realizadas em muitas línguas sobre motivação linguística, gramaticalização, estudos estatísticos de construções pré-fabricadas, idiomatismos, testes psicolinguísticos, sociolinguística e ciências cognitivas em geral. No que tange ao estudo da mudança linguística, os estudos deixaram de focar a gramaticalização de itens, passaram pelo estudo da gramaticalização de construções e chegaram à construcionalização. A visão funcionalista que concebia que a gramática surge do léxico e que compreendia dois planos – o do léxico e o da gramática – passa a postular que não há dois planos, que as construções linguísticas surgem de outras construções e que a língua é rede de construções conectadas entre si. Quando um nó da rede passa a funcionar num outro nó temos a criação de nova construção, a partir de construcionalização. A construcionalização se dá tanto no nível da microconstrução como no nível do esquema, tudo é abstração formada a partir da convencionalização de usos linguísticos.

O Grupo D&G, antenado com os desdobramentos da linguística funcionalista, abraça a visão construcionista, que vem sendo chamada de Usage Based Linguistics, usa o termo Linguística funcional centrada no uso. Venho trabalhando desde 2011, e sobretudo a partir do estágio de pós-doutoramento em 2014, com a visão construcionista e com os três parâmetros de análise pontuados por Bybee (2010) e Traugott e Trousdale (2013), a saber: grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Assim, as duas fases das produções refletem bem as duas fases da história da linguística funcionalista aqui destacada e o meu estágio de pós-doc, já apresentado aqui, impulsionou o desenvolvimento das pesquisas nos modelos baseados no uso não só no âmbito da UFRJ, mas também no país.

Desta segunda fase, destaco, pela divulgação de trabalhos com a visão construcionista, além de outras visões funcionalistas, o livro *Funcionalismo linguístico: diálogo e vertentes*, que organizei com a Profa. Mariangela Rios de Oliveira e que foi publicado a partir de resultado de concorrência do edital de publicação de livros da FAPERJ, ano 2015.

Este livro traz importantes reflexões e resultados de pesquisa no que existe de mais atual na área da linguística funcionalista. Encontram-se aqui tanto informações relevantes em termos teóricos e metodológicos com diferentes olhares dentro da linguística funcionalista para a compreensão da linguagem, como também aplicação dos modelos teóricos na análise de fenômenos da língua portuguesa, em particular.

O contexto que proporcionou esta publicação foi a terceira edição do Simpósio Internacional de Linguística Funcional (III Silf), ocorrido em 2015 no Instituto de Letras da Universidade e Federal Fluminense (UFF), um parceira entre o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, pela UFF, e o Programa de Pós-graduação em Linguística, pela UFRJ. (Oliveira e Cezario, 2015. Orelha).

Dessa fase destaco 2 capítulos de livros:

ALONSO, K.S.; CEZARIO, M. M. C. A dimensão do uso na gramaticalização de construções. In: Mariangela Rios de Oliveira; Ivo do Rosário. (Org.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 63-73.

SANTOS, M.; CEZARIO, M. M. C. Estudo cognitivo-funcional da formação da construção [XQUE]CONNECT no Português. *Gallacia*. Estudos de linguística portuguesa e galega. Santiago de Compostela: SPIC, 2017, p. 959-974.

No primeiro capítulo, juntamente com Karen Alonso, buscamos abordar a formação de construções com base nos pressupostos da linguística funcional centrada no uso e apresentamos nossas primeiras reflexões sobre formação de construções do português, ainda fortemente influenciadas pelo modelo da gramaticalização, mas agora focando a gramaticalização de construções para dar conta de estruturas mais complexas do que a gramaticalização de um item lexical. Esse capítulo é fruto de um evento ocorrido na UFF, sob a coordenação de Mariangela Rios de Oliveira, em que passamos uma semana discutindo temas importantes acerca dos desdobramentos da linha funcionalista.

O segundo capítulo é fruto de uma pesquisa que apresentei no Congresso *Gallaecia*, que aconteceu em Santiago de Compostela em 2015. O trabalho, escrito com Monique Santos, aborda a história da formação de algumas microconstruções instanciadas pelo padrão [Xque]<sub>Connect</sub>, como *uma vez que*, *já que* e *assim que*. O trabalho traz reflexões sobre questões teórico-metodológicas do modelo da construcionalização e resultados de nossas primeiras análises com dados de várias sincronias do português. Dos processos cognitivos abordados, demos ênfase ao processo de categorização e de *chunking* para explicar a formação dos elementos linguísticos em questão.

Destaco os seguintes artigos:

CAMPOS, J. L.; CEZARIO, M. M. C.; ALONSO, K.S. Formação da construção Xmente. *DELTA*. Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada (pucsp. impresso), v. 33, p. 133-158, 2017.

CEZARIO, M. M; ALONSO, K, S. A contribuição do modelo da construcionalização e mudanças construcionais: reflexões em Português. Soletras. Rio de Janeiro: *Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN)*, da FFP-UERJ, Inédito.

O primeiro artigo traz as nossas primeiras reflexões sobre construcionalização e mudanças construcionais. Foi escrito logo que voltei de Edimburgo e revi os resultados na análise da minha então orientanda de mestrado, Júlia L. Campos. Fizemos uma nova análise dos resultados tendo em vista a visão construcionista e mostramos como a construção [V mente] foi criada a partir de usos do latim do sintagma adjetivo mais substantivo 'mente'. Verificamos o aumento da produtividade de itens adjetivais e o aumento de tipos semânticos de adjetivos em duas sincronias do latim e no português arcaico. Buscamos também, tendo em vista que a mente é holística, mostrar que foram vários os fatores que levaram a forma *mentem* a ser compreendida como sufixo formador de advérbio, demonstrando a força de vários processos cognitivos, como analogia com a forma ablativa de advérbios em latim, como o papel da frequência da ordem Substantivo + adjetivo, até a repetição de um adjetivo semanticamente não específico como *tota* em *tota mente*.

O segundo artigo, recém-publicado, foi escrito no ano passado como produto do Seminário do D&G-UFF-2017 e teve o objetivo principal de discutir a formação de esquemas, subesquemas e microconstruções nas línguas, com exemplificação de nossas pesquisas ligadas à formação de construções a partir do esquema [um monte de SN] e [Verbo Adjetivo Adverbial]. O artigo traz reflexões feitas a partir das reuniões do Grupo de Estudos Discurso e Gramática e se propõe a ser um texto que traz pressupostos teóricos e metodológicos, assim como exemplificação de análises, para um estudioso que queira trabalhar com mudança linguística sob o ponto de vista construcional.

Durante o percurso acadêmico, editei dois números da Revista Linguística do Programa de Linguística da UFRJ, um sobre mudança linguística (volume 2 de 2013), organizado com Vera Paredes da Silva, e outro um número especial (2016), organizado com Christina Abreu Gomes. O primeiro conta com uma entrevista que eu e Júlia Nunes fizemos com a Profa. Elizabeth Traugott mais 12 artigos; e o segundo número – fruto, como já mencionei, das

discussões que fizemos no Seminário do Grupo D&G de 2016, conta com 9 artigos voltados para estudos construcionistas.

É de se notar minha opção por sempre fazer parcerias para produção bibliográfica. Não haveria como ser diferente, uma vez que meu trabalho é fruto não apenas do meu estudo e reflexão sobre a linguagem, mas também é fruto das discussões semanais e os seminários anuais que o Grupo realiza, assim também é fruto das inúmeras reuniões de orientação que tenho dado. Portanto, a produção bibliográfica é consequência do trabalho em equipe que faço.

Com relação à divulgação dos resultados de pesquisa em eventos científicos, tive cerca de 40, dos quais destaco as apresentações que fiz em grandes eventos no Brasil como, por exemplo: (a) IV SILF (NATAL, 2017), com o trabalho “Competição de construções conectivas Xque na história do português”; (b) VII Congresso da ABRALIN (Curitiba, 2011), com o trabalho “Usos de adverbiais temporais no português dos séculos XVIII e XIX” e (c) e o GELNE- 2004 (Paraíba), com o trabalho “Ordenação de advérbios de tempo: uma abordagem histórica”.

Destaco também as duas apresentações que fiz para membros de um laboratório da Universidade de Edimburgo durante o estágio de Doutorado, em 2014: “The project temporal and aspectual adverbials in the history of Portuguese” e “Applying constructionalization and constructional change approach to the study of Portuguese temporal connectives.”; e a participação numa Mesa redonda em Santiago de Compostela, em 2015 com o trabalho “Formação da construção [Xque]<sub>CONNECT</sub> no português”.

O livro de Traugott e Trausdale (2013) chama a atenção para as contribuições que a Sociolinguística variacionista pode dar para os estudos de mudança construcional, Joan Bybee, em seus inúmeros trabalhos, destacou a importância da frequência de uso para a variação e mudança linguística e hoje vários autores como Martin Hilpert e Florent Perek trabalham com

os efeitos da força colustracional, que mede a força estatística de uma colexicalização num *corpus*. Assim, vejo que as áreas do funcionalismo, cognitivismo e sociolinguístico tornam-se cada vez integradas e meus trabalhos também vêm contribuindo para esta integração. Minha história como pesquisadora nasce no Censo/Peul, passa longos períodos no sociofuncionalismo e segue hoje numa abordagem sócio-funcional-cognitiva, sempre voltada para a concepção de uma gramática criada e modificada pelo uso a partir de processos cognitivos de domínio geral, como nossa capacidade de empatia e de fazer abstrações e analogias a partir da experiência.

## **9. Prêmios**

Durante os mais de 15 anos de trabalho na Pós-graduação, tenho recebido bolsas de Iniciação Científica do CNPq-PIBIC, do CNPq-bolsa de longa duração e da FAPERJ. Vários dos meus alunos, como Gabriela Lamin, Júlia Nunes, Érika Ilogti de Sá, Filipe Albani, Raquel Cardoso, Juliana Nascimento, Beatriz Lones e Juliana Sant'Anna, receberam menções honrosas em Jornadas de Iniciação Científica de vários anos.

Como mencionei, recebo bolsa de Produtividade do CNPq desde 2007 e acabo de ser contemplada com mais uma bolsa para o triênio de 2019-2021, o que muito me honra, pois ter bolsa de produtividade do CNPq demonstra um grande reconhecimento pelo meu trabalho como pesquisadora e formadora de novos pesquisadores.

Em 2008, fui contemplada com a Bolsa Jovem Cientista da FAPERJ com o Projeto “Projeto Ordenação de advérbios temporais e aspectuais no português escrito”. Recebi no total cerca de 50 mil reais para auxílio à pesquisa por um triênio: 2009-2011. Com esse auxílio, equipei com computadores, estantes, livros, geladeira, ar condicionado, projetor o laboratório da sala H314. Paguei diárias e passagens para professores e orientandos. O tema do projeto está



relacionado ao projetos que descrevi acima sobre usos de adverbiais temporais e aspectuais na história do Português.

Vários dos resultados desse projeto foram publicados em artigos (como CEZARIO & FURTADO, 2013; CASTANHEIRA & CEZARIO, 2014; SOARES & CEZARIO, 2012) e capítulos de livros (como CEZARIO, MACHADO, SOARES, 2009 e MARTELOTTA & CEZARIO, 2011) e no livro *Adverbiais* em autoria com Mariangela Rios de Oliveira (OLIVEIRA & CEZARIO, 2012), como tratado na seção das publicações.

Fui contemplada em três editais para publicação de livros em parceria com vários professores: dois editais da Coleção Ensaio do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF, um de 2011 (volume 32) e outro em 2017 (volume 40) e o Edital para Auxílio para editoração APQ3- FAPERJ de 2012. Os três livros publicados com produtos dessas concorrências foram, respectivamente:

- a) OLIVEIRA, M. R. (Org.) ; CEZARIO, M. M. . (Org.). *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. 1. ed. Niterói: Editora da UFF, 2012. v. 1. 291p
- b) CEZARIO, M. M. .; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.) . *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2013. v. 1. 1891p
- c) OLIVEIRA, M. R. (Org.); CEZARIO, M.M. (Org.) . *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. 1. ed. Niterói: EDUFF, 2017. v. 1. 229p.

Em 2013, fui contemplada pelo Edital Universal do CNPq, faixa B, com o projeto “Usos de adverbiais temporais e aspectuais na história do português”, projeto do qual o meu projeto do CNPq Produtividade fez parte. O projeto contou com o auxílio de diversos professores e alunos. Com o auxílio de cerca de 25 mil, pudemos atualizar o acervo do Laboratório, comprar equipamentos, completar diárias de professores convidados e participar de eventos fora do Rio de Janeiro. Também recebi uma bolsa de IC de longa duração, que foi dada para Thiago Santos, hoje meu orientando de Doutorado. Foram inúmeros os produtos desse projeto, como artigos, capítulos de livros e parcerias com pesquisadores de outras instituições.

Acabo de ter um novo projeto aprovado pelo Edital Universal de 2018: trata-se do projeto “História da formação de conectivos do português e análise de seus usos”. O auxílio, dessa vez, foi apenas de uma bolsa de iniciação científica.

Ainda com relação a auxílios, recebi, em 2015, auxílio do CNPq no valor de 4.500,00 para apresentação de trabalho no *Gallaecia. III Congresso Internacional de Linguística Histórica*. Esse evento ocorreu na Espanha na cidade de Santiago de Compostela, Espanha, onde apresentei os primeiros resultados da pesquisa sobre orações iniciadas pelos conectivos Xque e para onde enviei um texto que foi publicado como capítulo de livro, junto com Monique Santos Fernandes (SANTOS; CEZARIO, 2017).

Fui contemplada em dois editais do PAEP- Capes, para organização de eventos: o primeiro edital saiu em 2013 para organização XVIII Seminário Nacional do Grupo de Estudos Discurso e Gramática e V Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso e Gramática e o segundo saiu em 2016 para a organização do XXI Seminário Nacional do Grupo de Estudos Discurso e Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso e Gramática. Ambos os eventos foram realizados na Faculdade de Letras da UFRJ.

Recebi também em 2015 auxílio da FAPERJ para organização do III SILF - Simpósio Internacional de Linguística Funcional, que ocorreu na UFF numa parceria UFF-UFRJ.

## **10. Organização de eventos**

Uma das atividades que considero bastante importante no meu trabalho é a de organizadora de eventos científicos, pois contribuo para a reunião de importantes nomes da linguística funcionalista, para a discussão de resultados de pesquisa e de procedimentos

metodológicos. Também é uma forma de despertar nos alunos de graduação a vontade de fazer pesquisa e de saber sobre os estudos realizados no país e no mundo na área. Para a Pós-graduação, contribuo sempre com muita dedicação para as atividades de internacionalização, ao trazer pesquisadores de renome para a UFRJ. Assim, organizei um evento geral da área de Letras, que foi o XII Congresso da ASSEL-Rio em 2003, e cerca de 10 eventos na área de Linguística. Muito me honrou ter sido membro – juntamente com a Presidente da associação Iza Quelhas (FFP-UERJ) e outros membros como Mariangela Rios de Oliveira e Victória Wilson (FFP-UERJ)– da comissão que organizou o Congresso da ASSEL-Rio, uma associação que teve papel muito importante por anos para divulgação de pesquisas na área de língua e de literatura. Tivemos mais de 600 apresentações de trabalho e contamos com o apoio da FAPERJ, da UERJ- São Gonçalo, UERJ- Maracanã, UFF e UFRJ.

Dos eventos de Linguística que organizei com a equipe do Discurso e Gramática, gostaria de destacar quatro pela sua importância para o Grupo Discurso e Gramática, para professores e alunos da Pós-graduação interessados em Linguística funcional e para a Linguística brasileira como um todo: XII Seminário do Grupo Discurso e Gramática – I workshop on Grammaticalization of the discourse and grammar research group, realizado na UFRJ em 2007; o XVIII Seminário Nacional do Grupo Discurso & Gramática e V Seminário Internacional do Grupo Discurso & Gramática, realizado na UFRJ em 2013; o XXI Seminário Nacional do Grupo Discurso & Gramática/ VIII Seminário Internacional do Grupo Discurso & Gramática, realizado na UFRJ em 2016; e o III Simpósio Internacional de Linguística Funcional, que ocorreu em 2015 na UFF em parceria com a UFRJ.

O primeiro evento acima, nosso primeiro evento internacional, organizado junto com Mário Martelotta, contou com a presença de dois grandes nomes da linguística funcionalista: a Profa. Elizabeth Traugott (Stanford University-EUA) e o Prof. Bernd Heine (University of Cologne, Alemanha ), que deram conferências e minicursos. Vieram alunos e professores de

diversos Estados brasileiros para ampliarem seus conhecimentos sobre gramaticalização. Traugott e Heine também reservaram tempo para visitar o Laboratório do Grupo D&G e se reuniram com os professores e alunos para ouvir sobre cada projeto. Esse contato com os professores que nos visitam foi um grande marco para a linguística funcionalista do Programa de Linguística da UFRJ e para a linguística brasileira, pois com isso as relações com grandes centros de pesquisa internacionais se estreitaram e trouxeram frutos. Um dos frutos foi o capítulo de livro que Mário e eu escrevemos para o *The Oxford Handbook of Grammaticalization*, já mencionado. Traugott, anos mais tarde, concebe uma entrevista a mim e a minha ex-doutoranda Júlia Nunes (publicado na Revista Linguística, vol de 2013). E, no mesmo ano, seu parceiro de pesquisa e publicações, Graeme Trousdale, aceita nosso convite para vir ao Brasil.

Os eventos de 2013 e 2016, destacados acima, tiveram cada qual mais de 100 participantes. O primeiro teve como principal convidado o Professor Graeme Trousdale, que deu um curso de 15h e realizou uma palestra na UFRJ e uma na UFF; contou também com comunicadores de renome de dentro e de fora do Grupo D&G com Mariangela Rios de Oliveira (UFF), Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN) e Maria Célia Lima-Hernandes (USP). O segundo teve como principal convidada a Profa. Adele Goldberg, um dos principais nomes da linguística internacional do momento. Ela deu uma conferência e um minicurso. Neste evento participaram como comunicadores os pesquisadores do Grupo D&G e ainda Lilian Ferrari (UFRJ), Maria Luiza Braga (UFRJ), Christina Abreu Gomes (UFRJ) e Maria da Conceição Paiva (UFRJ). Um dos pontos altos do último evento foram as sessões de debates que coordenei junto com a equipe organizadora e que consistiram em momentos em que debatemos textos previamente escritos pelos professores do Grupo e de alguns convidados. A partir dos textos discutidos no segundo debate (2016) organizei, juntamente com a Profa. Christina de Abreu Gomes, um número especial da Revista Linguística (CEZARIO & GOMES, 2016).

O quarto evento mencionado, o III SILF, foi organizado pela Profa. Mariangela Rios de Oliveira e por mim, com o auxílio de diversos professores do Grupo Discurso e Gramática de Niterói e do Rio de Janeiro. Contou com mais de 200 participantes, entre comunicadores e ouvintes. Trouxemos para o evento nomes importantes da linguística internacional e nacional, como Martin Hummel (Universidade de Graz), Lacklan Mackenzie (Universidade de Amsterdam), Marcos Bagno (UNB), Sebastião Carlos Leite Gonçalves (UNESP/SJRP), Roberto Gomes Camacho (UNESP/SJRP), Patrícia Fabiane Cunha Lacerda (UFJF), Maria Angélica Furtado da Cunha e Flávia Hirata-Vale (UFSCar), dentre outros. A partir desse III SILF, organizamos uma coletânea com artigos de vários convidados do evento e submetemos ao edital Coleção Ensaios da UFF, já mencionado. Fomos contemplados e lançamos, em 2017, o livro *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes* pela Editora da EDUFF, contribuindo para divulgar ainda mais propostas teórico-metodológicas do funcionalismo norte-americano e europeu.

### **11. Bancas e pareceres**

Destaco também as inúmeras bancas de mestrado, doutorado e qualificação, das quais venho participado, o que demonstra a confiança no meu trabalho sério como avaliadora e também na parceria no sentido de dar contribuições para melhora dos trabalhos. Desde que me doutorei participei de mais de 40 bancas de mestrado, 20 de doutorado e 10 de qualificação em diferentes instituições públicas do Brasil, a saber: UFRJ, USP, UFF, UFG, UERJ, UFSC, UFES e UFRN.

Também quero destacar o trabalho como parecerista de inúmeros periódicos de diferentes Qualis, devido ao conhecimento altamente especializado que tenho. Editores de revistas importantes como *Alfa*, *Entre palavras*, *Diadorim*, *Veredas*, *Caligrama*, *Odisséia* e

*Gragoatá* já me convidaram para dar pareceres sobre artigos. Também venho contribuindo para crescimento qualitativo de pesquisas no país ao dar pareceres para pedidos de bolsa de posdoc no exterior, bolsa de produtividade, bolsa de estágio sanduíche e apresentações de trabalho no exterior e bolsas de iniciação científicas. Venho também participando quase todos os anos de seleção de alunos para os cursos de mestrado e do doutorado em Linguística e bancas de seleção para professor substituto. Em 2013, tive a honra de participar da banca de concurso para professor efetivo de Filologia da UFRJ.

## **12. Atividades administrativas**

Como sempre me dediquei muito às atividades de pesquisa e ensino, escolhi ter uma participação menor em atividades de administração, mas contribuí para o Departamento de Linguística e Filologia ao ser chefe de Departamento de 2005 a 2007 e substituta eventual de 2007 a 2009. As atividades de chefia me deram uma visão real da dimensão da nossa Faculdade de Letras da UFRJ, pois o Departamento naquele momento atendia a mais de 40 turmas de graduação por semestre, incluindo as disciplinas dos cursos de Letras e de Fonoaudiologia. Durante estes 4 anos participei de inúmeras reuniões ligadas à mudança curricular, criação do curso noturno, aumento de número de alunos em sala de aula, dentre outras. A partir de um pedido por professores de Libras feito pela Faculdade de Educação e das solicitações da Professora Deize Santos para atendermos o que estava definido em decreto de lei sobre a obrigatoriedade de disciplinas de Libras em todas as licenciaturas (Lei 10.436/2002 /Decreto 5.626/2006), solicitei em reunião de Departamento a criação de uma comissão para analisar o decreto de lei e verificar se o Departamento teria condições e perfil para oferecer disciplinas de Libras e se poderíamos ampliar o número de professores de Libras no Departamento. A partir

de um documento redigido pela comissão e discutido em reunião, sugerimos à Direção a criação de novo Departamento voltado tanto para oferta de cursos de Libras para as licenciaturas como para a formação de professores de Libras. Tal pedido foi aceito pela gestão da Direção seguinte e o Departamento de Libras foi criado, assim como o curso de formação de professores de Libras.

Também por alguns anos fui representante do Departamento de Linguística e Filologia no Setor de Extensão e Cultura da Faculdade de Letras, onde tive a oportunidade de trabalhar com representantes de diferentes departamentos, avaliar as propostas de diversos cursos de extensão e discutir formas de ampliar as propostas para aumentar o acesso da população aos conhecimentos que a universidade gera.

### **13. E daqui para frente? Considerações finais**

Claro que minhas atividades não cessarão com essa Promoção e ainda pretendo continuar exercendo atividades de ensino, pesquisa e extensão. Agora, com toda a experiência e conhecimentos acumulados, posso com mais facilidade formar mais professores e pesquisadores. Enche-me de alegria e orgulho ver que um número relativamente grande de jovens que entraram na Faculdade de Letras passaram por minhas turmas e puderam também ter seus voos impulsionados por meu conhecimento e entusiasmo. Também tenho uma satisfação imensa de formar mestres e doutores e de contribuir para o avanço da pesquisa em Linguística, sobretudo em linguística baseada no uso.

Pretendo nos próximos anos de trabalho seguir com todas as atividades dos três pilares da Universidade, contribuindo não só para a formação de professores, mas também para a formação de jovens pesquisadores e para levar os conhecimentos que adquiro para fora dos

muros da universidade. Também pretendo oferecer conhecimento altamente especializado para colegas que queiram fazer pós-doutorado na minha linha de pesquisa. O aprofundamento da pesquisa que foca a língua como uma rede de construções vai me trazer novos frutos, como parcerias com centros de pesquisa do Brasil e de outros locais do mundo e publicações.

Gostaria de aproveitar o momento para agradecer a minha família por todo apoio durante toda a minha vida para estudar, trabalhar e educar a minha filha, Bruna; agradeço aos meus pais, em particular, por todo o sacrifício que fizeram para me formar, à minha irmã Marta pela amizade e apoio para formar Bruna, ao meu irmão Jorge por, com seu trabalho ao lado dos meus pais, ter me permitido dedicar meu tempo apenas aos estudos até o fim da graduação; ao Sebastião Votre e ao Naro pela excelente orientação e ao Sebastião em particular por todo incentivo que me deu desde o terceiro período da Faculdade e pelo exemplo de grande pesquisador e coordenador de grupo; aos professores que contribuíram para a minha formação, aos colegas da Faculdade de Letras, aos Chefes de Departamento Diogo Pinheiro e Adriana Leitão, aos colegas do Grupo Discurso & Gramática e aos alunos<sup>4</sup>, que são a minha grande esperança por um mundo menos desigual. Agradeço também à minha filha, por tanta alegria que me dá e pelas discussões sem fim sobre filmes, sobre livros e, de um tempo para cá, sobre linguística. Seus ideais de luta para diminuição das desigualdades sociais renovam meu espírito de amor ao trabalho. Agradeço também ao meu companheiro Sérgio, que, embora tenha chegado bem recentemente à minha vida, contribui enormemente para que eu tenha paz para seguir com tantas atividades.

O que me motivou desde o início a querer ser professora era a vontade de contribuir para a Educação brasileira e para o ensino público, gratuito e de qualidade. Penso que contribuí

---

<sup>4</sup> Dos alunos e ex-alunos, faço um agradecimento especial àqueles que, além de me ajudarem a realizar os diversos projetos de pesquisa, também me auxiliaram em várias atividades do Grupo de Estudo Discurso e Gramática, como a realização de eventos: Júlia Oliveira Costa Nunes, Natália Ilse Machado, Érika Ilogti de Sá, Bruna das Graças Soares, Dennis Castanheira, Júlia Langer de Campos e Thiago Santos Silva.



muito, mas sigo sonhando e agindo, pois há ainda muito a ser feito. Tenho a certeza de que a Maura dos 17 anos que optou por Letras e fez a faculdade com tanta dedicação e amor continua presente na Maura de hoje e a fonte desse entusiasmo vem de Deus, do sonho por um mundo melhor e do brilho do olhar dos meus alunos, muitos dos quais vêm das camadas mais pobres e, com a vaga numa universidade pública, têm a chance de realizar seus sonhos e de mudar sua condição de vida e da família.

Não posso deixar de mencionar que toda a produção apresentada, sobretudo a partir do momento em que passo a compor o corpo docente do Programa de Pós-graduação em Linguística, em 2002, deve-se em grande parte à valorização que os programas federais deram à Educação de Ensino Superior e à pesquisa, entre 2002 e 2014. As áreas ligadas às ciências humanas e à formação de professores receberam reconhecimento do seu valor. Embora ainda não tenha sido o suficiente, foi um importante começo. Acredito tanto na Educação que sei que as sementes plantadas nesses anos já têm raízes fortes. Além disso, o desejo do homem de voar estará sempre presente e a libertação que o conhecimento pode nos dar sempre fará o povo despertar para a luta por seus direitos para ter Educação pública e de qualidade e de ter os benefícios que essa proporciona.

### **Referências bibliográficas**

CAMPOS, J. L.; CEZARIO, M. M. C.; ALONSO, K.S. Formação da construção Xmente. *DELTA*. Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada (pucsp. impresso), v. 33, p. 133-158, 2017.

CASTANHEIRA, D. *Uso de advérbios modalizadores e sua abordagem em livros didáticos de ensino médio: reflexões e propostas de atividades*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

CASTANHEIRA, D.; CEZARIO, M. M. C. Locuções adverbiais de tempo em cartas oficiais do século XIX: motivações para a ordenação. *SOLETRAS*, v. 1, p. 41-59, 2014.

CEZARIO SOARES, M.M. *A variação do sujeito na primeira pessoa do singular*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

CEZARIO, M.M. Padrões de frequência nas construções com cláusulas completivas. *Lingua(gem)*, Macapá, v. 1, p. 11-38, 2004.

\_\_\_\_\_. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

\_\_\_\_\_. O papel das locuções adverbiais temporais no discurso religioso. In: Rios de Oliveira, M.; Cezario, M.M. (Org.). *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. 1ed. Niterói: Editora da UFF, 2012, v. 1, p. 139-155.

CEZARIO, M.M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: Martelotta, M. (Org). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

CEZARIO, M. M.; MACHADO, N. ; SOARES, B. . Ordenação de adverbiais temporais e aspectuais no português escrito: uma abordagem histórica. In: Mariangela Rios de Oliveira; Ivo da Costa do Rosário. (Org.). *Pesquisas em Linguística funcional: convergências e divergências*. 1ed. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2009, v. 1, p. 187-200.

CEZARIO, M.M.; PAREDES DA SILVA, V. (Org). *LinguíStica*. Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ Volume 9, número 2, 2013.

CEZARIO, M. M.; FURTADO, M. A. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2013.

CEZARIO, M. M.; MARQUES, P. M.; ABRAÇADO, J. Sociofuncionalismo. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JR, C. Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016.

CEZARIO, M.M.; GOMES, C.A. (Org). *LinguíStica*. Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ. Volume especial, 2016.

CEZARIO, M.M.C. et alii. Os advérbios: aspectos históricos e usos atuais. In: LOPES, C.R.S.. *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra : perspectiva funcionalista*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018. v. 1. 416p

CEZARIO, M.M; ALONSO, K, S. A contribuição do modelo da construcionalização e mudanças construcionais: reflexões em Português. *Solettras*. Rio de Janeiro: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN), da FFP-UERJ, No. 30. 2019.

CAMPOS, J. L. De. *A Gramaticalização da Construção Xmente: uma história do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. *A competição entre [verbo adjetivo adverbial] e [verbo xmente] na rede construcional qualitativa do português brasileiro: uma análise centrada no uso*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

CHAFE, W. Givenness, Contrastiveness definiteness, subjects topics and point of view. In; Li, Charles (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, p. 25- 55, 1976.

COSTA NUNES, J. O. *Ordenação dos Advérbios Temporais e/ou Aspectuais em –mente no português escrito contemporâneo*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2009.

\_\_\_\_\_. *Mente de antigamente*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em Linguística, 2014.

- CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, M. A. F.; COSTA, M.A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; e Mário Eduardo Martelotta. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. 1ed.São Paulo: Parábola, 2015, v. 1, p. 21-47.
- FERNANDES, M.P. dos S. *A formação das microconstruções uma vez que, já que e assim que: uma abordagem cognitivo-funcional*. Tese de Doutorado. UFRJ: Faculdade de Letras, 2019.
- FREITAS JR. R. *A constituição discursivo-gramatical da construção (X)VS em inglês como l2: indícios de formação da interlíngua*. Tese de Doutorado. Janeiro: UFRJ, 2011.
- GOLDBERG, A E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. *Construction at Work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- HEINE, B. et alii. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York: University Press, 1993.
- HOPPER, P. e THOMPSON, S.. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, 56 (2): 251-299, 1980.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- ILOGTI DE SÁ, E. *Ordenação de Locuções de Tempo e Aspecto em textos jornalísticos: uma abordagem funcional*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Aconteceu em 2015 e em 2015 il est arrivé: ordenação dos circunstanciais temporais e aspectuais no português e no francês*. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado, 2015.
- LANGACKER, R. *A linguagem e sua estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- MACHADO, N.I. *Evidencialidade no português brasileiro com verbo ver: estratégias construcionais com base no uso*. Tese de Doutorado. UFRJ: Rio de Janeiro, 2017
- MARQUES, P. M. *Estudo diacrônico da ordenação do sujeito em relação ao verbo no português*. Tese de doutorado, UFRJ, 2012.
- MARTELOTTA, M. E. ; CEZARIO, M. M. *Grammaticalization in Brazilian Portuguese*. The oxford handbook of grammaticalization. 1ed.Oxford: Oxford, 2011, v. 1, p. 729-739.
- MARTELOTTA, M. E., VOTRE, S. J. e CEZARIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- NARO, A.; VOTRE, S. Discourse motivations for linguistic regularities: verb/subject order in spoken Brazilian Portuguese. *Probus* 11.1:76-100, 1999.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. Niterói: Editora da UFF, 2012.

\_\_\_\_\_. (Org.) . *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. 1. ed. Niterói: EDUFF, 2017. v. 1. 229p.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. *Cartas cariocas. A variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado. UFRJ, 1988.

SANTOS SILVA, T. *A formação de conectores concessivos e concessivo-condicionais instanciados pelo esquema [xque] em português: uma análise construcional de mudança*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

SANTOS, M.; CEZARIO, M. M. Estudo cognitivo-funcional da formação da construção [XQUE]CONNECT no Português. *Gallaecia*. Estudos de linguística portuguesa e galega. 1ed.Santiago de Compostela: SPIC, 2017, v. 1, p. 959-974.

SOARES, B. *Mudança na rede construcional do sintagma nominal para pronome: a construcionalização de a gente*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

SOARES, B; CEZARIO, M. M. Ordem de sintagmas preposicionais com valor temporal em textos jornalísticos. *Diacrítica* (Braga), v. 26, p. 225-246, 2012.

THOMPSON, S. & HOPPER, P. . Transitivity and Clause Structure in Conversation. In: BYBEE, J. & HOPPER, P.(Org.) *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjaming Company, 2001.

TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization: Focus on Theoretical and Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAUGOTT, E.; DASHER,. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Construcionalization and Constructional Changes*. Oxford: University Press, 2013.

VAN DIJK, T.A. *Cognição, Discurso e Interação*. São Paulo: Contexto, 1992.

Rio de Janeiro, 15 de agosto de 2019



Maria Maura da C. Cezario

Departamento de Linguística e Filologia

Faculdade de Letras - UFRJ